

PUBLICAÇÃO I

“Economist” destaca classe média brasileira

GERALDA DOCA E DANIELA MILANESE

Agência O Globo, Londres e Brasília

A crescente classe média brasileira chegou às páginas da revista britânica “Economist”. A edição de ontem mostra reportagem sobre o aumento dessa fatia da população, de 44% para 52%, entre 2002 e este ano, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Além da melhoria na educação e no emprego formal, bem como da expansão do crédito que permitiu o acesso a bens de consumo duráveis, chamou a atenção da “Economist” a atração que a classe média brasileira tem por marcas, o que não é visto nos Estados Unidos e Europa.

Segundo Nicola Calicchio, da consultoria McKinsey, uma das explicações para isso seria o fato de que, no Brasil, a classe média – segundo a FGV, com renda domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 mensais – é formada por pessoas “que normalmente servem outras, então ser atendido por alguém é muito importante para elas”. “Os brasileiros de classe média podem evitar as fantásticas lojas que atendem os ricos, mas eles não querem um ambiente com aparência de liquidação”, afirma.

Segundo a “Economist”, essa consciência sobre moda e marcas se deve, em grande parte, à influência das novelas, que costumam mostrar um Rio de Janeiro de classe média alta. “Elas tendem a mostrar um mundo onde pessoas brancas e elegantes, vestidas em roupas caras, circulam em um verão perpétuo, servidas por empregadas”. A revista chega a ver aí uma das causas da grande procura por academias e produtos de beleza no Brasil, bem como por cirurgias plásticas.

A “Economist” fala ainda das tendências políticas da nova classe média. Eleições passadas sugerem que essa faixa se inclina mais para o PSDB que para o



APONTAMENTO | 13/09/2008

Para Mantega, a situação poderá melhorar ainda mais

PT. “Mas, segundo Mauro Paulino, da Datafolha, a personalidade pessoal de Lula e os programas sociais de seu governo atrapalharam essa equação”, diz a revista, pois quem passou da classe D para a C tende a votar no PT. “Enquanto isso, a classe média refez o PT a sua própria imagem: a retórica mais selvagem do partido emudeceu”.

MOBILIDADE – O ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse ontem que a classe média já é dominante no País, mas admitiu que a situação poderá melhorar ainda mais. “O País está indo muito bem e está criando uma mobilidade social de modo que a classe média hoje é a classe dominante. Mas pode melhorar mais ainda. Estamos trabalhando neste sentido”, disse o ministro.

Ao ser perguntado se o governo já estuda mudanças nas alíquotas do imposto de renda das pessoas físicas, ele respondeu que isso só vai acontecer na reforma tributária, em tramitação no Congresso Nacional.